



COLONIA BRAZILEIRA DE LISBOA NA FIGUEIRA DA FOZ: A sr.^a D. Georgina Mota

(Cliché do distinto amator, tenente medico-veterinario sr. Antonio Lebre)

II SERIE — N.º 704

Director — J. J. da Silveira Graça
Propriedade de
J. J. da Silveira Graça, Ltd.
Editor — Antonio Maria Lopes

Redacção, administração e oficinas:
Rua do Seculo, 43 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Lisboa, 18 de Agosto de 1919

ASSINATURAS: Portugal, Colo-
nias portuguezas e Espanha:
Trimestre, 1\$90 ctv.
Semestre, 3\$75 ctv. — Ano, 7\$50 ctv.

NUMERO AVULSO, 15 ctv.
Numero avulso em todo o Brazil, 700 réis.

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida, 23 — LISBOA — Telefone 3641

*Tratamento contra os raios
solares, sardas, e manchas
da pele*

TIRAM-SE em 8 dias pelo novo processo de descamação. Não é doloroso. Cartas de agradecimento á disposição das clientes. Resposta mediante estampilha.

Deposito em LISBOA, rua Augusta, 282

Bazar Soares — PORTO, rua 31 de Janeiro, 234

Pastas, Pós e Elixires Jildizienne

Contra a acidez, gengivites, acidentes scorbuticos, dentes descarnados e qualquer afecção das gengives fazendo-se a recolaração destas sem as pintar.

Nada mais sedutor que uma boca fresca, perfumada, rosada e com dentes brancos e saos. Só conseguem esta beleza da boca, as pessoas que usam os produtos especiaes da

MADAME CAMPOS

Directora da Academia Scientifica de Beleza

Avenida, 23 — LISBOA — Telefone 3641

Depositos em LISBOA, rua Augusta, 282

Bazar Soares — PORTO, rua 31 de Janeiro, 234

CASAMENTOS

DESEJAM casar-se legalmente uma senhora viuva, brasileira, digna e instruida, de 44 anos, sem filhos, e com fortuna superior a 70 contos, dos quaes a maior parte está em Inscrições, e uma menor orfã, de 18 anos de idade actualmente num recolhimento, instruida, elegante, filha de distinta familia, com dote de 38 contos, com homens honestos e que possam provar a sua dignidade, exigindo-se serias informações, embora não possuam grades melos. Quem se julgue nas condições dirija-se (com selo para resposta) a **M. Club of New-York-Porto**. Responde-se a todas as cartas e guarda-se absoluto segredo. Esta casa já tem realizado distintos casamentos em Portugal e outros muitos que já estão em relações directas.

GABINETE DENTARIO

Direcção Clínica

DE

MARIO DUARTE

P. dos Restauradores, 13

Tellep. 3300 e 3652

LISBOA

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente, e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Caiçada da Patriarca, n.º 2, 1.º Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esquina).

No. P2292—General—Conklin Pens—J.R.K.Co.



Enchedor Crescente

Não existe em outra penna

Compare a Conveniencia do Enchedor Crescente

Não ha necessidade de usar o conta-gottas ou sujar os dedos usando a Caneta Automatica CONKLIN com o Enchedor Crescente.

Uma Caneta Automatica CONKLIN é immergida em um tinteiro, apertando-se o enchedor "crescente" a absorção enche a caneta em quatro segundos—o tubo da caneta é limpo interiormente na mesma operação. O Enchedor Crescente impede que a caneta role.

Esta exclusiva e original maneira é garantida a dar a mesma satisfação com a mesma permanencia como a que damos ao resto da caneta em geral e sobre as mesmas condições.

As Canetas Automaticas CONKLIN são fabricadas em todos os tamanhos, estylos e preços e são vendidas por todas as boas Livrarias, Joalharias, casas de Miudezas em toda parte.

THE CONKLIN PEN MFG. CO.

Toledo, Ohio, U. S. A.

Lêr na quarta-feira o SUPLEMENTO DE MODAS & BORDADOS (OO SEGULO) — Preço: 3 centavos



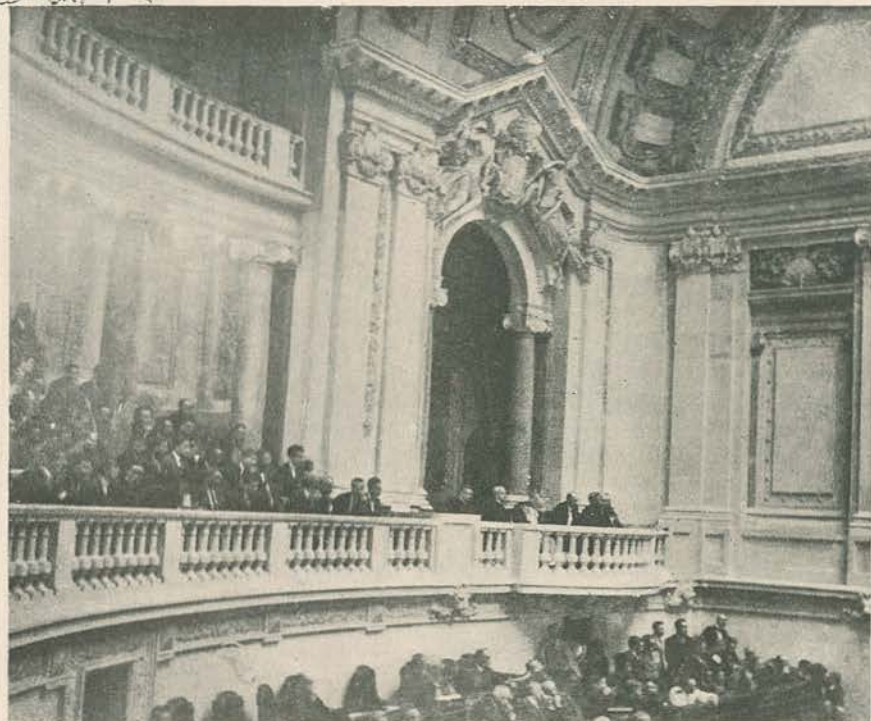
O prestigioso caudilho republicano sr. dr. Antonio José d'Almeida
Presidente eleito da Republica Portuguesa

(Cliché da fotografia Nacional, do Geerez)

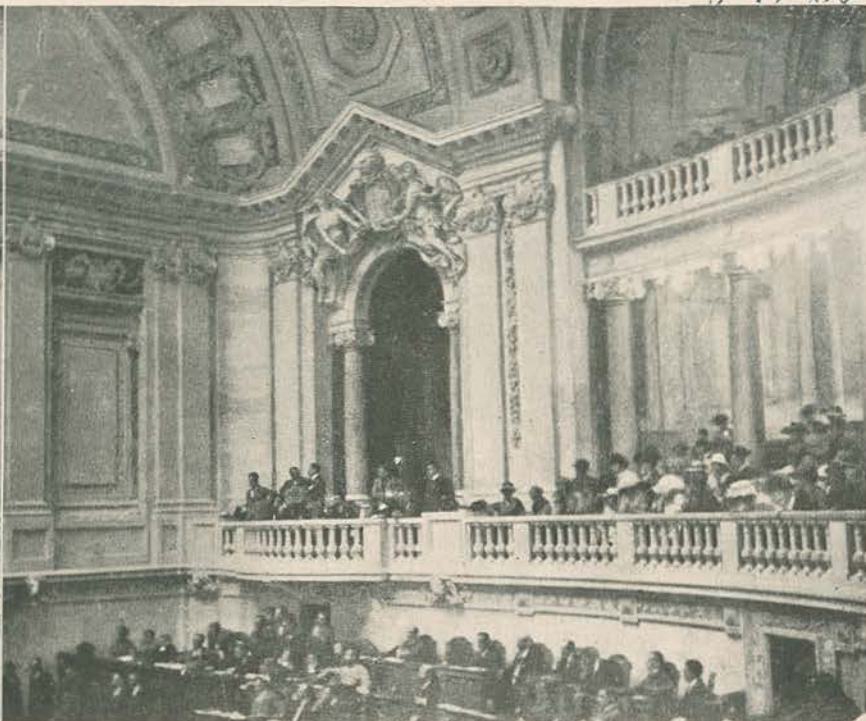
O dr. Antonio José de Almeida, que em 5 de outubro proximo assumirá a presidencia da Republica, é dos republicanos portugueses um dos que gosam de mais merecida popularidade e de maior prestigio, pela nobreza do seu character impoluto, pelo fulgor da sua eloqúencia arrebatadora e pela dedicação incomparavel que a causa republicana, que é a da patria, lhe tem merecido desde verdes anos.

A biografia do dr. Antonio José de Almeida, que partir de Coimbra logo se impoz aos seus contemporaneos, é por demais conhecida. Medico, tribunao, panfletario, jornalista, parlamentar, homem de governo, — afirmou sempre qualidades e talentos hoje em plena maturação. Todos esperam que ele, na magistratura suprema, esteja á altura do seu passado e que o seu periodo presidencial seja fecundo de felicidades para o paiz.

A histórica sessão do Congresso da Republica em que se realisou a eleição presidencial



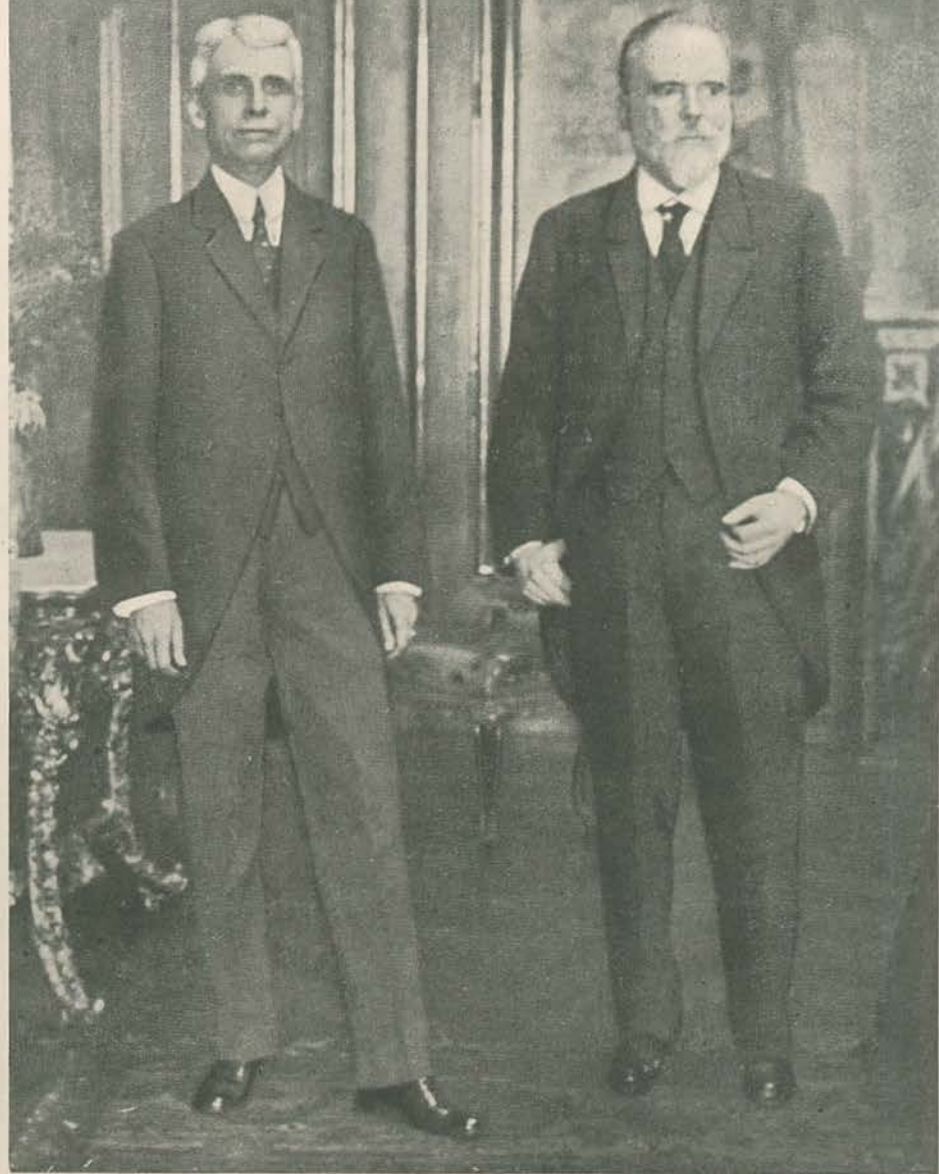
Um trecho da Camara e da galeria reservada, vendo-se ao fundo da fotografia a tribuna dos ex-ministros e antigos parlamentares.



Outro aspéto da Camara, vendo-se á direita um trecho da galeria reservada ás senhoras e ao fundo a tribuna do corpo diplomatico.—(Clichés Serra Ribeiro).

Decorreu cheia de interesse a sessão do Congresso para eleição do novo chefe do Estado. Os candidatos eram dois: o dr. Antonio José d'Almeida, chefe do partido evolucionista, antigo parlamentar e que foi presidente do conselho, e o sr. Manuel Teixeira Gomes, ministro de Portugal em Londres e homem de letras ilustre. No primeiro escrutínio, a diferença de votos foi pequena; no terceiro estava eleito o sr. dr. Antonio José d'Almeida, que o sr. Manuel Tei-

xeira Gomes, atualmente em Paris, nos trabalhos da Conferencia da Paz, foi o primeiro a felicitar nos mais calorosos termos. A eleição do sr. dr. Antonio José d'Almeida significou, segundo diziam categorizados politicos, a consagração da sua attitude e da sua obra como figura preeminente da União Sagrada. Ao ser proclamado eleito a sala e as galerias fizeram ao futuro chefe do Estado uma ovação brilhantissima e a sua casa occorreram inumeras pessoas.



Na cidadela de Cascaes — O actual chefe do Estado, e o presidente eleito da Republica Portugueza, srs. dr. Antonio José d'Almeida, que foi visitar o almirante sr. Canto e Castro, com quem teve uma demorada e cordel entrevista. — (Cliché Serra Ribeiro).

OS DOIS PRESIDENTES

Alguns dias depois de ser eleito pelo Congresso da Republica para a suprema magistratura da nação, o sr. dr. Antonio José de Almeida foi á cidadela de Cascaes, acompanhado de sua esposa, visitar o sr. Presidente da Republica. A entrevista que se realisou entre os dois

presidentes foi cordealissima. O sr. dr. Antonio José de Almeida referiu-se com palavras de muito apreço á obra eminentemente patrioticca do sr. almirante Canto e Castro.

Este grupo dos dois presidentes foi tirado expressamente para a «Ilustração Portugueza».

O incendio na "garage" do Parque Automovel Militar

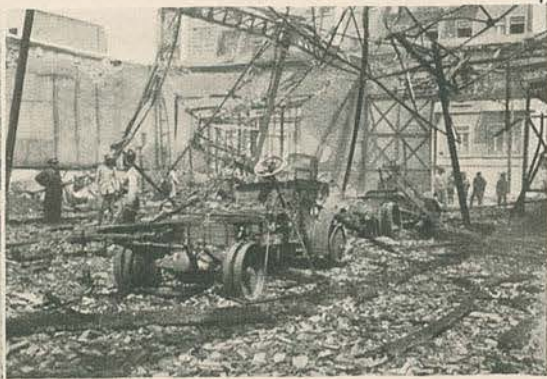
Mais uma dependencia do Estado foi pasto das chamas, acarretando o novo sinistro prejuizos avultadissimos. que orçam por um milhão de escudos. Trata-se da *garage* do Parque Automovel Militar, situada na rua Tomaz Ribeiro, com uma frente para a rua do Viriato, que foi, em grande parte, destruida por um pavoroso incendio, que alarmou as suas vizinhanças. Era um belo edificio de cantaria, ferro, tijolo e alvenaria, de construção muito elegante, com grandes janelas de enormes vidraças, portas e entradas largas, tendo um amplo «hangar», com entrada pela rua Tomaz Ribeiro, cujos baixos formavam para o lado da rua do Viriato, que é em declive, um pavimento, que, sendo *cave* para a rua Tomaz Ribeiro, são uma extensissima loja para aquela rua. N'ela estão instaladas as oficinas de carruagens e as de construção de *moto-cyclettes*. Como o fogo começou no «hangar», devido a lamentavel imprevidencia do soldado fiel do pequeno deposito de gasolina, que ali havia, as oficinas nada sofreram com as labaredas, porque o seu tecto é de abobada. No «hangar», porém, o incendio atingiu, bem depressa, um assustador incremento, não havendo esforços



A fachada do edificio da *garage* do P. A. M. sobre a rua do Viriato, na ocasião em que os bombeiros municipais se esforçavam por debelar o violento incendio que ali se manifestára.

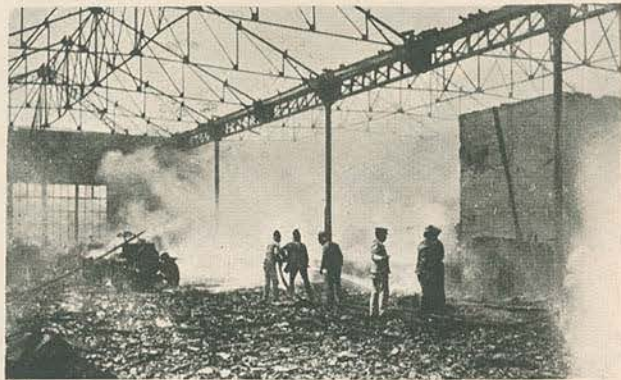


Na Rua do Viriato — Os automoveis que foram retirados da *garage* do P. A. M. ao declarar-se o incendio, vendo-se ao fundo, á esquerda da fotografia, o edificio d'aquella.



Como ficou a *garage* do P. A. M. após o pavoroso incendio que a destruiu, vendo-se alguns dos automoveis que, por d'ali não haver sido possível retirá-los, ficaram completamente danificados.

humanos que conseguissem debelá-lo. Registraram-se, todavia, atos de verdadeiro heroismo, quer no ataque ao fogo, em que trabalharam denodadamente os bombeiros municipais e os voluntarios, quer nos trabalhos de salvação dos automoveis



O interior da *garage* incendiada durante o rescaldo

imprevidente causador do infausto acontecimento, que chegou a atribuir-se a maus intentos.



Outro aspéto dos trabalhos do rescaldo no interior da *garage* do Parque Automovel Militar.

(Clichés Serra Ribeiro)

O julgamento do sr. João de Azevedo Coutinho

O Tribunal Militar Especial voltou a reunir em Santa Clara, presidido pelo general sr. Paulino Correia, para julgar o ex-official de marinha, sr. João d'Azevedo Cou-

tinho, acusado de tomar parte no movimento insurrecional de Monsanto em 23 e 24 de Janeiro ultimo.

Havia grande interesse por este julgamento. A sala das audiencias era pequena para conter a multidão dos curiosos. O advogado de defeza do reu, sr. dr. Paulo Cancela d'Abreu, falou durante mais de uma hora, pondo em relevo a folha de serviços brilhantissima do seu constituinte.

O sr. coronel Alves Pedrosa, promotor de justiça, prestou igualmente homenagem ao heroico official de marinha que foi João de Azevedo Coutinho. Pediu, no entanto, que se cumprisse a lei. Dos depoimentos das testemunhas, os de maior interesse foram o do sr. dr. Antonio Centeno e o do capitão de fragata sr. Afonso Cerqueira.

Cerca das dezasete horas era já conhecido o *verdictum* do juri, que foi condenatorio. Porém, o presidente do tribunal, fundandose na disposição da lei, pois que um dos quesitos foi aprovado por maioria d'um voto, deu a sentença por iniqua, devendo o sr. João de Azevedo Coutinho ser julgado novamente com outro juri.



1. Sr. João de Azevedo Coutinho, antigo official da armada, que particularmente se distinguu nas campanhas da nossa Africa, e aquiesceu gentilmente a pousar para a *Ilustração Portuguesa*, n'uma dependencia dos Tribunaes Militares, onde foi julgado.—2. O sr. João de Azevedo Coutinho na presença dos membros do Tribunal Militar Especial e durante o seu julgamento. Na bancada dos advogados, á direita, o seu defensor, sr. dr. Cancela d'Abreu; ao centro, o sr. dr. José Megre.

(Clichés Serra Ribeiro).



Em Castanheira de Pera. — Grupo de senhoras, que, por ocasião das festas da paz, serviram o jantar a 25 soldados d'aquella concelho, que combateram os alemães, e distribuíram um bodo a cento e vinte pobres. — (Cliché do distinto amador sr. João Lopes Franqueira, que obsequiosamente o dispensou à

Ilustração Portuguesa). — 2. Em Niza. — Grupo de expedicionarios que tomaram parte nas festas comemorativas da Vitória, assistindo á cerimonia da continência á bandeira, após o ato de agradeciamento do soldado José Maria Quintino (1) com a «Cruz de Guerra». 3. Outro grupo de expedicionarios que assistiram aos festejos da paz, vendo-se entre eles: (1) o soldado José Maria Quintino, também conhecido por José Saramago, condecorado com a «Cruz de Guerra»; (2) alferes sr. Norberto Figueiredo Salgueiro, que foi feito prisioneiro dos alemães na celebre batalha de 9 d'Abri!l, e que colocou a Cruz de



Foram simples, mas revestiram uma desusada imponencia, as festas da paz celebradas em Niza e em Castanheira de Pera.

Para que assim acontecesse não se pouparam a esforços as comissões organisadoras e as entidades que espontaneamente se lhes aggregaram, que, caprichando em que os festejos resultassem brilhantes, enriqueceram os seus programas com patrióticos numeros, que proporcionaram calorosas ovações.



Guerra ao peito do valente soldado, sendo então, pela enorme assistencia, muito ovacionados o agraciado e todos os expedicionarios. (3) Tenente médico sr. Emilio Carita Polido, que fez parte do batalhão dos caminhos de Ferro em França. (Clichés do distinto amador sr. Jorge Miguens, que gentilmente os cedeu à *Ilustração Portuguesa*).

Xavier de Carvalho, recém-falecido em Paris—a sua querida e adorada cidade de Paris—onde, havia largos anos, fixára residência, foi um trabalhador infatigável como jornalista, como cicerone e como propagandista do nome e das glórias de Portugal. Escreveu em numerosas folhas portuguesas e brasileiras correspondências em que se amontoavam as informações dos factos correntes, as notícias críticas de livros e de obras de arte, os comentários dos



O illustre jornalista sr. Xavier de Carvalho. (Cliché Alvão)

acontecimentos políticos, tudo em notas rápidas, nervosas, por vezes justas e felizes na forma e no conceito. Trabalhou incansavelmente, conheceu e obsequiou inúmeros compatriotas e inúmeros brasileiros, teve amigos, mas nunca grangeou fortuna, morrendo pobre. Acompanharam-no á derradeira morada as figuras mais representativas da colonia e muitos confrades da imprensa estrangeira. Que repouse em paz!



1. Sr. Dr. João de Alpoim de Agorreta Sá Coutinho, delegado na Ponta do Sul, ali recentemente falecido.—2. Sr. Conde de Sousa e Faro, general de brigada da arma de engenharia, falecido em Nice a 30 de Marco ultimo. 3. Sr.ª D. Maria Cardoso de Almeida, falecida no Porto. A extinta era esposa do sr. Antonio d'Almeida Veloso, conhecido republicano d'aquella cidade.—4. Sr.ª D. Lina de Matos Cardoso, falecida em Matosinhos, onde a sua morte foi muito sentida.—5. Sr. Artur Alberto Kennedy, distinto engenheiro agronomo, de Lisboa, onde a noticia do seu falecimento causou profunda consternação.



Sr. Alberto Otavio Botelho de Andrade

A guarnição d'um dos tanks ingleses ao serviço das tropas aliadas que occupam as margens do Reno. Ao centro vê-se o sr. Alberto Otavio Botelho d'Andrade, que ha 2 anos se alistou no exercito inglez, sendo incorporado no «Royal Field Artillery». D'este regimento, onde era muito estimado, passou para o corpo de tanks n.º 12, atualmente em Colonia com as tropas de occupação no Reno.



Em Colonia.—O sr. Alberto d'Andrade junto d'um tank inglez.

O ESFORÇO AÇORIANO



que ali concorreu em peso, assim como muita da vizinha ilha de S. Miguel, testemunhando-lhe ambas o grande apreço que tem pelo seu valioso trabalho e pelo trato fidalgo da sua pessoa. A todos os visitantes foi oferecido um *lunch* delicadíssimo, com extremos de arte e de bom gosto, trocando-se brindes afectuosíssimos, que demonstram bem quanto os açorianos, em volta do trabalho e do amor á sua terra, communham nos mais puros principios da solidarieidade humana.

Alfredo de Mendonça, o distinto e dedicado representante do *Seculo* em Angra do Heroismo, é o exemplo mais vivo e frisante do que é o genio ativo e empreendedor dos açorianos. Dotado tambem de muita inteligencia e largamente relacionado dentro e fóra dos Açores, propôz-se contribuir poderosamente para os progressos da sua terra, vendo-lhe nos recursos do seu solo fresco e fertilissimo uma fonte inexplorada de riqueza. A industria dos lacticinios apresentou-se-lhe logo, como o grande problema economico a resolver, e resolveu-o por uma fórmula que honra sobremaneira não só o seu tra-



1. e 2. Grupos de senhoras da mais distinta sociedade miquelense e terceirense visitando as dependencias da fabrica de lacticinios do sr. Alfredo Mendonça, em Angra do Heroismo.



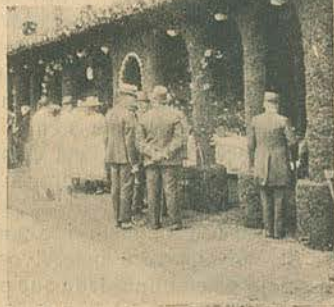
Uma excelente vaca leiteira de raça holandesa. «Esperando a vez».

balho prodigioso, como o proprio trabalho nacional.

Largas pastagens, abundante gado das melhores espécies,

personal competente e disciplinado, instalações e maquinas das mais modernas, tudo surgiu em poucos anos sob a magia do seu esforço, possuindo hoje os Açores lacticinios que lhes asseguram o consumo e a exportação, tão perfeitos como os melhores que se encontram nos paizes que d'elles tem o privilegio.

Em Julho passado dedicou o corajoso industrial na sua vasta fabrica festas, requintadas de elegancia e de distincção, á primeira sociedade terceirense,



Na fabrica de lacticinios do sr. Alfredo de Mendonça. O pavilhão onde foi servido um delicado *lunch* aos visitantes.



Tres bons exemplares de suínos de pura raça Poland China. (Clichés do distinto amador sr. J. Leite, da Ilha Terceira.).

O CLARÃO DA EPOPEIA



O distinto escritor sr. Mario de Almeida.

Mario de Almeida, o prosador admirável da *Lisboa no Romantismo*, evocação brilhante, sem os maneirismos adocicados em que a maioria dos literatos nos descreve essa época, por tantos títulos curiosa; o superior psicólogo dos humildes, que

na *Cidade Formiga* nos deu páginas de inédito sabor literário, apresenta-nos agora, no seu novo livro *O Clarão da Epopeia* a melhor, a mais clara, a mais dominadora afirmação do seu talento de escritor e das suas já tão comprovadas faculdades de evocador.

O *Clarão da Epopeia* é a guerra, a horrosa chacina, sentida em toda a sua formidável intensidade, reconstituída em alguns dos seus aspétos mais emotivos, com a vibração d'um artista de raça, o vigor d'um artista na maturação plena da sua arte.

Sendo um livro constituído por aspétos diversíssimos e sucessivos, ha n'ele um fio de continuidade que prende a nossa atenção, enleia o nosso espirito, desde as primeiras ás ultimas páginas, sempre em crescente ansiedade. Começa pela viagem até Paris, dada em traços rápidos, sobrios, seguros, magistraes. Depois, a impressão d'essa moderna Babilonia, do *Grande Bazar*, surge a nossos olhos, na modalidade nova, creada pela guerra em que se sente o latejar de profunda energia que lhe insuflou o yankee.

Deante dos nossos olhos dorídos de piedade, desfilam os mutilados heroicos, acariciados pela multidão, reverenciados por todo um povo que soube redimir-se dos seus crimes

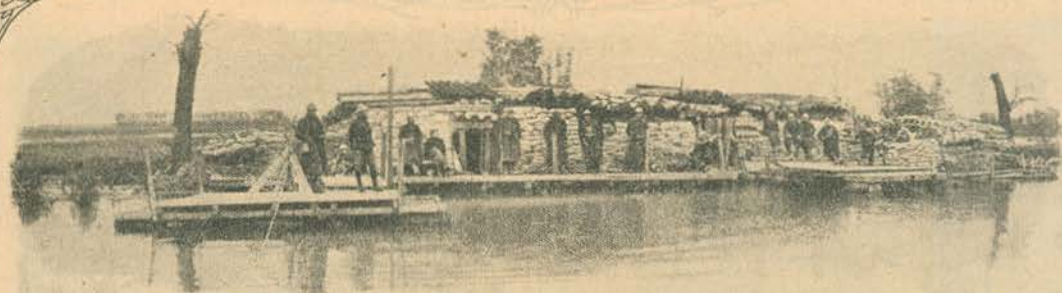
pelo sacrificio dos seus filhos mais nobres.

Os aviões, o ruido do canhoneiro, as cidades em ruinas, os dramas épicos, as tragedias ocultas veem ao nosso encontro, permitem-nos a visão nitida do colossal cataclismo.

Em o *Clarão da Epopeia* ha paginas das mais fulgurantes, das mais intensas que ácerca da guerra se teem escrito.

A lembrança de trechos d'esse livro magnifico, como *O raid sobre a cidade*, *Uma figura de inglez*, *Voz*, *Pedras que falam*, *Os trapeiros da epopeia*—tragedia convulsa de dôr e de silencio—, na harmonia dos seus traços inapagaveis, vibrará perduravelmente na nossa memoria, porque fica gravada no nosso coração. Quem escreve paginas d'estas é um escritor consumado — escritor de talento e de emoção — é um escultor eminente que não podendo concretisar em marmore as suas visualidades, as suas concepções, no-las transmite pela palavra, n'uma rigorosa exatidão de linhas, na vibratilidade do seu sentimentalismo requintado e estetico, na beleza pujante de que só é capaz uma alma de bom e de artista perfeito.





Um posto avançado na margem direita do rio Yser. Para além d'este avista-se a que fôra Terra de Ninguém.

ATRAVEZ DA BELGICA MARTIRISADA

Paris, Julho, 1919.

Venho d'uma piedosa romaria: A visita dos campos de batalha e das povoações devastadas da Belgica. Entramos nos domínios de Alberto I pela porta flamenga de Dunkerque. A Dunkerque fronteiriça é tanto franceza como flamenga ou... belga. As autoridades locais não se cansam de nos dizer, para bem acentuarem que, durante a guerra, Dunkerque defendeu trez Patrias... Dunkerque é, depois de Verdun, o ponto culminante da resistencia dos aliados ás arremetidas dos «Boches». Como poderemos nós passar por aqui sem nos curvamos reverentes perante o heroísmo que está inscrito nos destroços de todos os edificios e nas frentes largas e calmas d'esta população invencível?

Dunkerque festeja a nossa passagem com agrado, porque ela sabe que a não esqueceremos quando penetrarmos na Belgica de que ela foi a guarda vigilante e imortal... 150:000 projeteis alemães esburacaram e deitaram por terra metade de Dunkerque. Dunkerque resuscita para a vida do seu grande porto! Que maravilha de força e de persistencia! Mas os nossos «guias» — Dumont Wilden, o celebre escritor, e De Gobart, redator do *Intransigeant*, de Paris, teem pressa de nos mostrar a Belgica, e, com os *toasts* do Hotel de Ville de Dunkerque, marca-se a hora da partida dos 55 automoveis para a peregrinação da Belgica. Adeus, Dunkerque; Viva a Belgica! que ofereceu a Dunkerque a primeira *Bertha* que a bombardeou do territorio belga!...

Estamos nas terras gloriosas que um pequeno paiz de heroes defendeu, preferindo morrer a render-se. Não ha sugestões perturbantes que me impessam de deixar exprimir o que sinto pelas testemunhas eloquentes d'esta odisseia, que foram, Mauricio Materlinck, Cyriel Buysse e o nosso illustre condutor, Dumont Wilden. Eles inspiraram-se, todos trez, n'esta quadra de Verhaeren; referindo-se ao desabamento do zimbório d'Ypres:

«Hélas! pour qu'il coulât, hélas! il a fallu.
Qu'un peuple descendit jusqu'au crime absolu,
Et niant la fierté et l'orgueil de la guerre,
Se fit traitreusement et basement incendiaire».

Materlinck exclama diante d'esta hecatombe: «Nós não queremos que a piedade se substitua á justiça a que temos direito. Pedimos apenas que se reconheça que nenhum povo no



Madame Almada Negreiros, que representou a *Illustração Portuguesa*, na visita á Belgica.

Passado tenha feito o que nós fizemos».

«Buysse exclama: «A Odisseia moderna? Eil-a aqui!» Wilden expressa-se verbalmente: «O que constituiu o interesse e a originalidade do *front* belga foi a maneira como o exercito belga soube arranjar e preparar uma região onde os trabalhos de defeza pareciam impossiveis». Eis a região onde ingressamos. Eis a Panne, cidade litoral, onde residiu o rei durante trez anos. Dezenas de casas por terra. O hospital completamente arruinado. O *chalet* real chamuscado das granadas inimigas. Mas o rei manteve-se no seu posto, até ao fim! Segue-se o *front* de Nieuport e de Dixmude: planície alagada, sem a elevação d'um edificio, sem uma arvore, e onde apenas restam pedaços de fortificações de *beton*. Sacos de terra, o unico material de construção dos *blokhauss*, entulham os canaes que reviravoltam anciosos, fóra dos seus leitos. Os belgas combatiam em jangadas noite e dia. Quando o inimigo avançava, sob as rajadas da artilharia invencível, eles deixavam-se matar sem se renderem, para guardar, mesmo assim, o solo sagrado da Patria. Um cheiro acre e nauseabundo por toda a parte. São os 20:000 cadaveres que apodrecem nas aguas estagnadas dos diques de Nieuport. O canal, o dique, a eclusa, foram armas terriveis que reforçaram a valentia belga. Só este *front* e o da



Um reduto betomado formando pontão d'apoi o d'uma trincheira da primeira linha.



Um aspéto da primeira linha passando atravez de terrenos inundados.



Outra trincheira da primeira linha, em que foram incluídas as ruínas d'uma herdade.

França dão bem idéa da medonha carnificina. Este front ao éste é um deserto coberto d'agua. Estamos no que foi a lindissima cidade d'Ypres. O que ela é dil-o um cartaz ereto sobre um poste metalico á entrada da emocionante necropole: «Aqui se elevava a cidade d'Ypres, uma das mais antigas e das mais artisticas da Europa. Foi defendida durante quatro anos (1914-1918) por soldados que morreram defendendo-a. O visitante deve considerar estes logares como sagrados e respeitar as suas ruínas». O campo de batalha de Dixmude, que se segue, porque é perfeitamente horisontal, foi teatro de combates formidaveis de Tanks. Muitas dezenas d'estes jazem ali, atestando o vigor das lutas. Um d'eles conserva ainda as ossadas dos heroes que o pilotavam, e que não puderam ser retiradas da ossatura despedaçada do monstro d'aço.

Para que repetir os quadros descritivos d'estes horrores. A caravana de automoveis passa na poeira impertinente das estradas. Estamos na costa belga, fortificada de dez em dez metros e encimada, nas dunas altas, por peças alemãs de 580. Turistas de todo o mundo veem ver esta maravilha da arte de matar. Mas a Belgica que renasce quer mostrar-se, no seu esforço vivificante e convida-nos a deixar estes sitios d'horror. O imponente cortejo, com os seus 120 jornalistas aliados e neutros e as suas «chauffeuses» inglezas militarizadas, penetra em Ostende. A «rainha das praias», que em 2 de Novembro era um montão d'escumbrós, pensou as suas feridas, obstruiu os buracos feitos nas paredes pela artilharia, e ostenta-se já com uma galhardia que é tambem um protesto do trabalho contra as insidias da força bruta. O porto, onde os inglezes atacaram os piratas alemães, já funciona. No «Kursall» tocam-se diariamente todos os hinos aliados. A bandeira portugueza flutua por toda a parte. A «Portugueza» é aplaudida com entusiasmo pelos espéctadores. Viva a Paz! Onde estão as cicatrises da guerra? O labor d'este grande povo ocultou-as aos olhos dos visitantes.

Viva a Belgica trabalhadora e invencivel! Bruxelas recebe-nos em festa e o heroico «burgomestre» Max, discursa á nossa chegada. Que diz ele? O que nós acabamos de ver. Que a Belgica não morreu. E que ela renasce e se expande. Malines, toda ferida ainda, apresenta-nos a sua maior gloria: o cardeal Mercier. O ilustre prelado conversa conosco e pede-nos apenas que, nos nossos jornais, façamos ver que a Belgica quer prosperar na paz sacrosanta do trabalho, mas que os alemães lhe roubaram os maquinismos das fabricas. E' preciso fechar com chave d'oiro a memoravel excursão: Partimos para Liège. Aí o sangue meridional referve. A cidade está embandeirada. Dez mil

creanças das escolas, agitando bandeiras, veem receber-nos aos arredores, aclamando as nossas nacionalidades á passagem. Todos os habitantes da cidade veem ao nosso encontro.

Que nos pede a «Verdun» da Belgica? Simplesmente que a vejamos tal como ela é. E é o que nós fazemos. Liège, para nós, para o mundo inteiro, é o seu forte de Loncin. Lá vamos ajoelhar perante a memoria dos 300 soldados que jazem emurados sob as suas cupulas d'aço. Liège agradece-nos a romagem, festejando a nossa entrada na cidade com as honras e o jubilo que ela consagraria ao proprio Chefe do Estado. O correspondente do «Seculo» é encarregado pelos seus camaradas de responder ao discurso de recção. Não foi preciso ser eloquente para saber exprimir a gratidão de todos nós. Em Gant, em Louvain, em Dinant e em Charleroi, as mesmas manifestações de simpatia nos acolhem.

Este povo simpatico não se engana. Nós vimos constatar o que ele sofreu. Nós seremos os emisarios sinceros dos seus desejos reivindicadores. Maximiliano Varden escrevia na «Zukunft» de 27 de Outubro de 1914: «E' preciso que o novo germanismo conquiste novas provincias na «Belgica». Anvers não será mais contra mas a favor de Bremen. Liège fará parte das fabricas de armas de Hesse, de Berlim e da Suabe.»

Pois bem! Nós acabamos de percorrer uma Belgica mais do que nunca livre e independente e esta Belgica é hoje o mais forte baluarte das ideias progressivas contra o embate possivel das desforras alemãs.

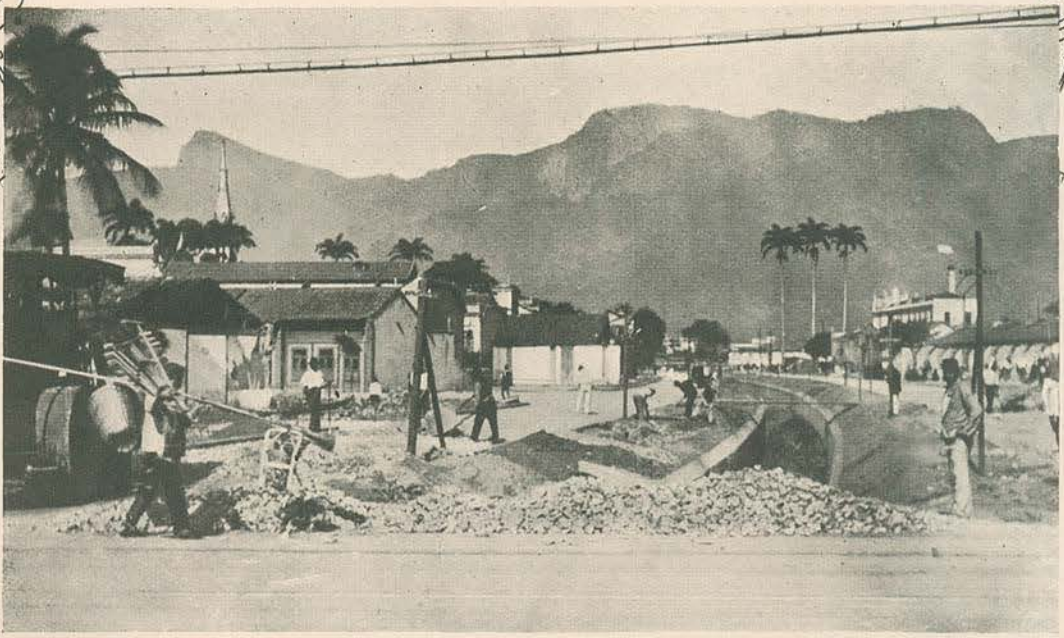
Viva a Belgica!

MARGARIDA DE ALMADA NEGREIROS



Outro aspéto da primeira linha de trincheiras construída em terrenos alagadiços.

No Rio de Janeiro



O embelezamento da capital federal.—Um trecho da nova «Avenida do Rio Comprido», em construção, compreendido entre a Ponte dos Marinheiros e a Rua de S. Cristóvão.

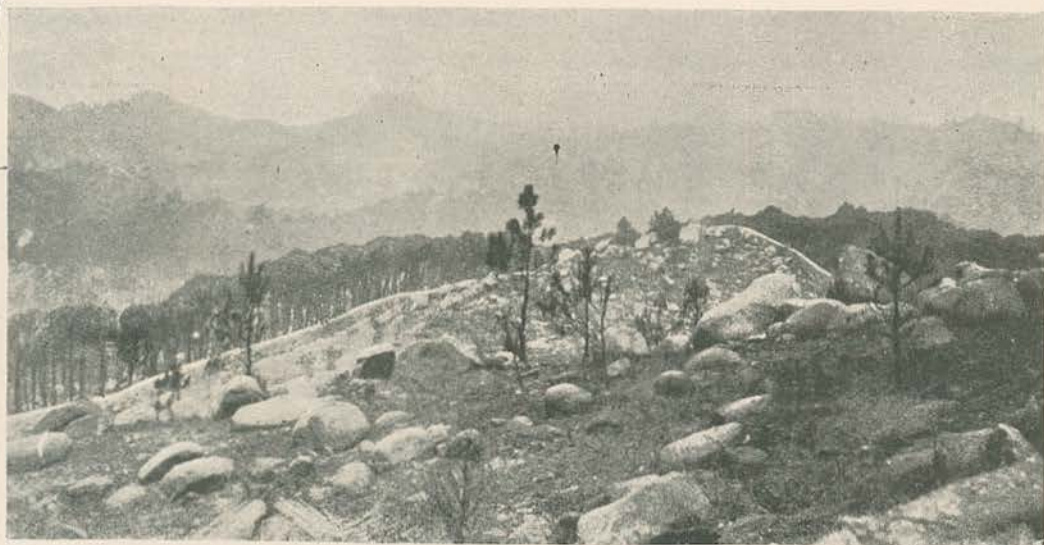
Juntamente com um aspéto das ruínas d'um dos mais belos edifícios publicos da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro se arquia n'esta pagina um interessante «cliché» d'uma das suas novas avenidas, em construção, pelo qual se ajuiza das transformações porque tem passado. Assim, é que,

embora continue sujeita a um clima particularmente quente e humido, a salubridade da capital dos Estados Unidos do Brasil tem melhorado progressivamente, como se depende, pela preferéncia dos europeus que tem fixado residencia n'aquela cidade, que possui tão soberbos e variegados jardins.



As ruínas das «Docas de D. Pedro II», antigos armazéns alfandegários, destruídos em 9 de Junho último, por um violento incêndio, não havendo esforços humanos que conseguissem debela-lo a tempo de evitar os importantíssimos prejuízos que causou, avaliados em cerca de 10 mil contos de reis e fracos.

O incendio na serra de Cintra



Um trecho da serra de Cintra, cuja arborisação servira de pasto às chamas

Mais uma vez, na serra de Cintra, se manifestou um violentissimo incendio, cujas chamas devoraram n'uma enorme extensão o arvoredado e a mata, indo as faulhas, arrebatadas pelo vento, atear, ao longe, novos fogos. Se os prejuizos, como se pode supor, atingiram extraordinarias proporções, o lamentavel facto, que se attribuiu a mão criminosa, deu ensejo a que bombeiros, militares, camponeses e outros populares praticassem rasgos de

bravura, procurando por todos os modos e com risco da propria vida evitar o alastramento. Espectaculo grandioso e sinistro, não faltou quem, do alto da serra, o contemplasse, havendo em Lisboa e na Outra Banda quem subisse aos pontos elevados para descortinar, ao longe, nas faldas da montanha, para os lados de Cascaes, as labaredas e as girosas nuvens de fumo...



Na serra de Cintra.—Um troço de trabalhadores ruraes empenhados em debelar o incendio que destruiu muitos quilometros de vegetação e causou avultadissimos prejuizos.

(Clichés Serra Ribeiro).

BANCO FOMENTO NACIONAL

Das recentes empresas uma das de mais vasto programa e prometedor futuro é, sem duvida, a do Banco Fomento Nacional, que se propõe a ter em Lisboa as melhores, mais luxuosas e completas instalações para estabelecimentos d'esse genero.

Para o tornar conhecido dos nossos leitores reproduzimos hoje algumas fotografias do seu admiravel projecto, certos que

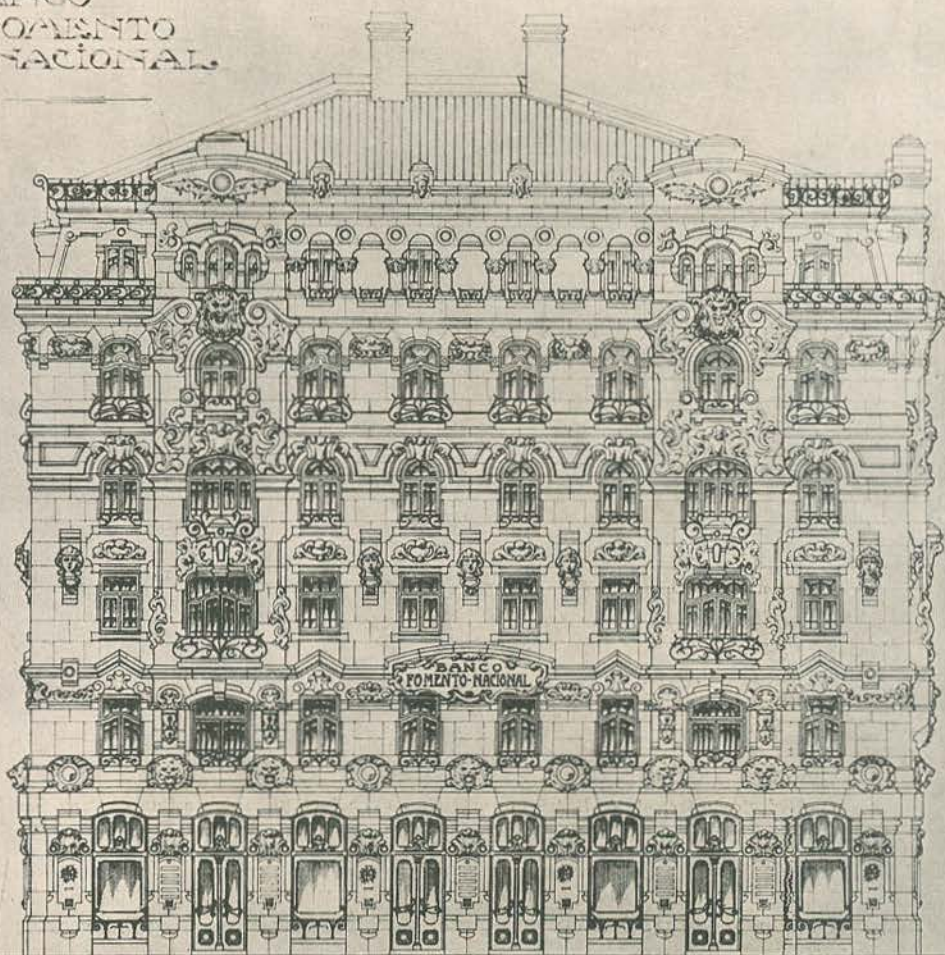


O architecto sr. Miguel Nogueira.



O engenheiro sr. Duarte Veiga.

BANCO
FOMENTO
NACIONAL



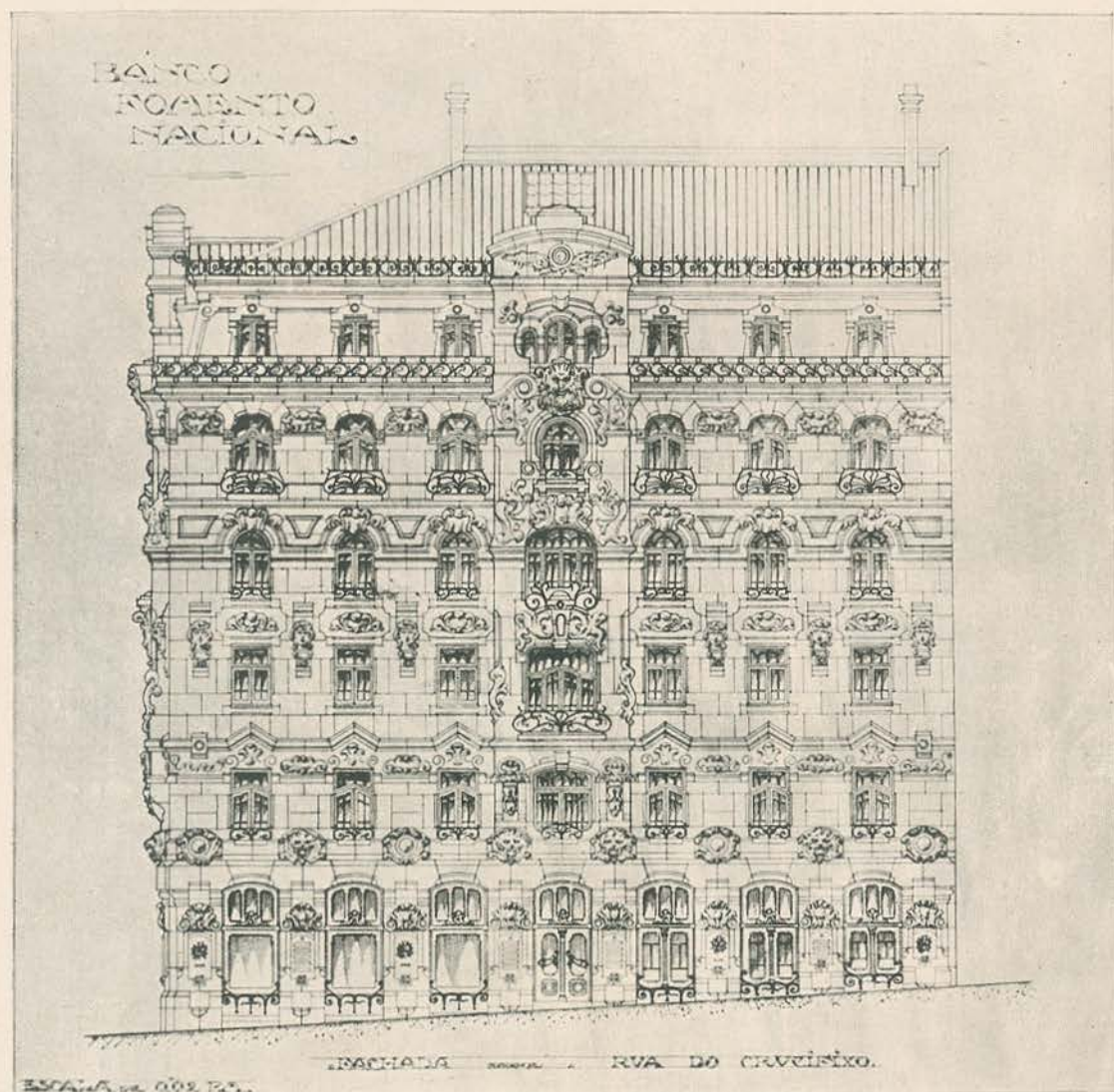
FACHADA SITUADA A RUA DA CONCEIÇÃO.

ESCALA DE 0,02 P.A.

O projecto da fachada do Banco Fomento Nacional sobre a Rua da Conceição

o não de apreciar devidamente todos os que se interessam pelo desenvolvimento e embelezamento da nossa linda capital, onde tanto se faz sentir a falta de edificios magestosos.

A planta foi estudada tambem com escrupuloso cuidado e prestam-se a fazer com as suas divisões um sem numero de combinações para ficarem escriptorios mais ou menos amplos, mas



O projecto da fachada do Banco Fomento Nacional a construir sobre a Rua do Crucifixo

A sua architectura é tudo quanto ha de mais harmonico, elegante e de fino gosto artistico, o que faz com que as fachadas, apezar do seu tamanho, não se tornem pesadas ou monotonas.

sempre independentes uns dos outros.

Nas *caves* ficam grandes casas fortes para cofres de aluguer e arrecadação dos valores do Banco.

No pavimento terreo e 1.º andar fica-

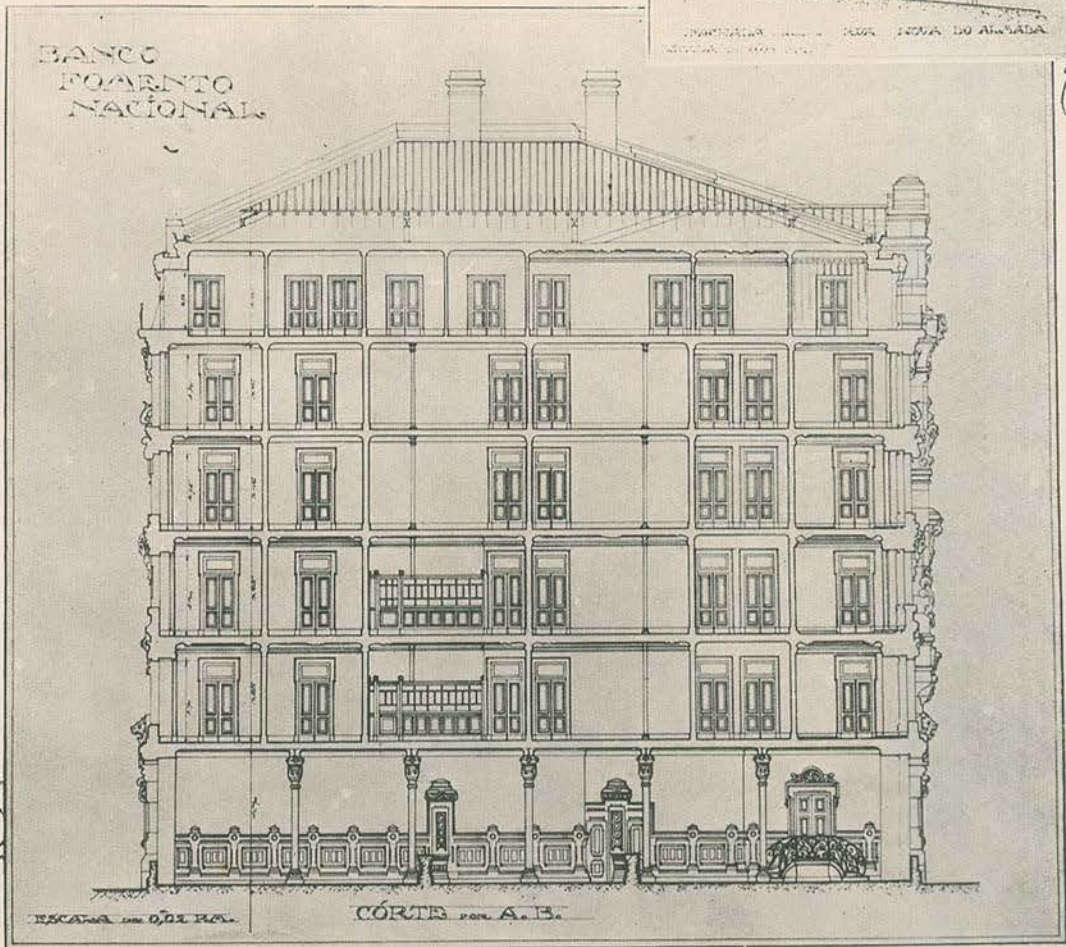
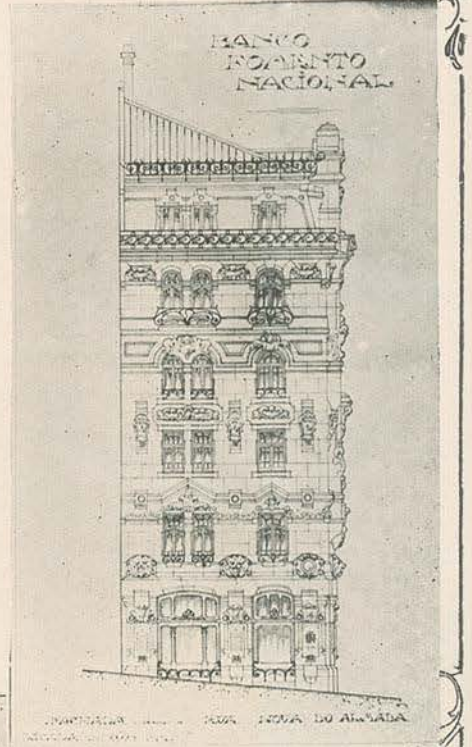
rão os diferentes serviços do Banco. Os restantes andares são para alugar.

O acesso é, comodo e rapidamente, feito por um elevador electrico.

Os auctores d'estes projectos são os srs.: engenheiro Duarte Veiga e architecto Miguel Nogueira.

Aquele é um distincto official d'engenharia, muito considerado pela competencia com que se tem desempenhado das muitas e importantes comissões de serviço, quer militares, quer civis, para que tem sido nomeado.

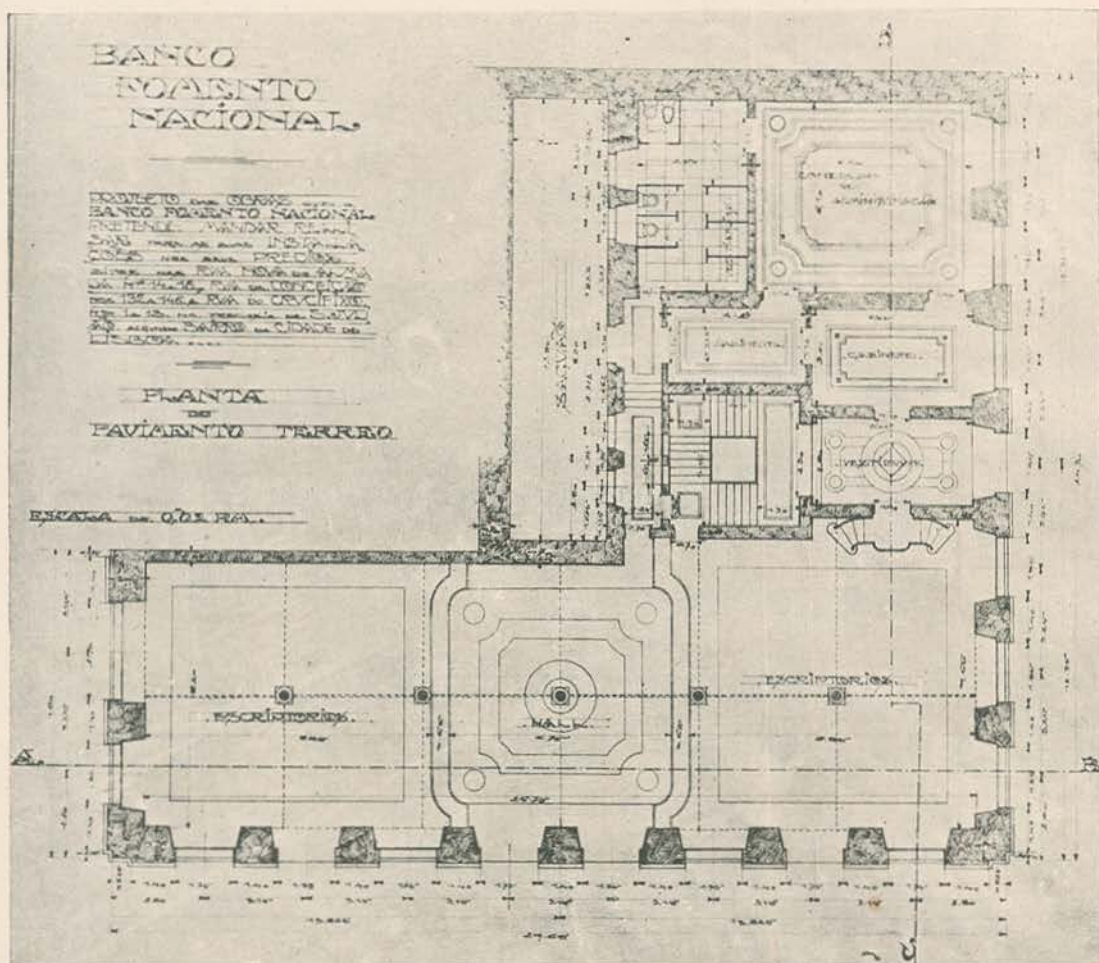
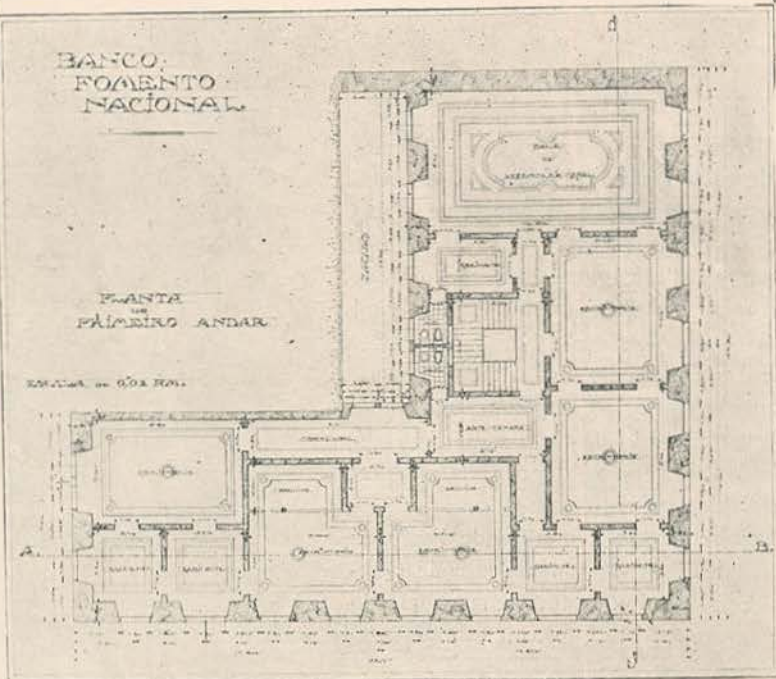
Foi engenheiro dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, de Lourenço Marques e de Quelimane; chefe das importantissimas obras do porto de Lourenço Marques, etc.



1. O projecto da fachada sobre a Rua Nova do Almada —2. Outra vista do projecto das obras que o Banco Fomento Nacional pretende mandar realisar para as suas instalações nos seus predios sito na Rua Nova do Almada, n.º 14 a 18, Rua da Conceição, n.º 132 a 140 e Rua do Crucifixo, n.º 1 a 13. Córte : por A. B.

Este foi
antigo
pensionista do
Estado em Paris,
é o autor de varias
obras importantes,
a duas das quaes
foi conferido o premio Val-

môr em
1913 e em
1916, e teve agora
mais um ensejo de
dar provas indiscuti-
veis do seu muito
talento.



1. A planta do primeiro andar.—2. A planta do pavimento terreo

(Clichés do sr. Luiz d'Assumpção)

"THE MERCANTILE AGENCY"

Agência Internacional de Informes Comerciaes

R. G. DUN & Co.

Possue no mundo inteiro e sob a mesma razão social

245 SUCURSAES

54	sucursaes	na Europa
149)	nos Estados Unidos
17)	no Canadá
7)	no Mexico
5)	na Australia
4)	na Nova Zelandia
4)	em Africa
2)	na Republica Argentina
1)	no Brazil
1)	em Cuba
1)	em Porto-Rico

Estas sucursaes, cujo pessoal regular comprehende mais de 10.000 empregados, tem alem d'isso um certo numero de agentes em todas as principaes cidades do mundo. Esta organização complementar que emprega mais de 800.000 correspondentes estende assim sobre o mundo inteiro os seus serviços e sua acção, reforçados com os seus 76 anos de existencia

CASA AMERICANA

Fundada em New-York em 1841'

Central para PORTUGAL: 103, Rua do Comercio-**LISBOA**
Sucursal: 10, Rua do Almada-**PORTO**

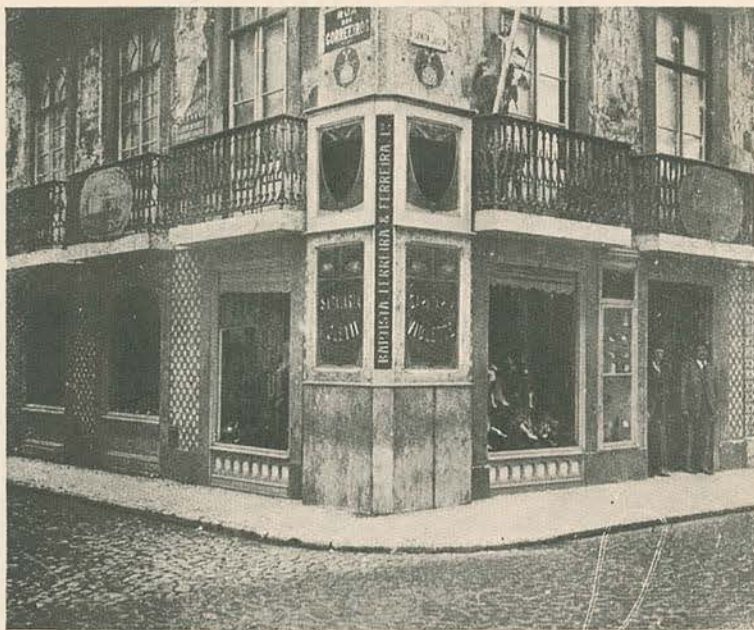
Sapataria "Violette"

55 — Rua de Santa Justa — 57

185 — Rua dos Correiros — 191

Acaba de abrir as suas portas este elegante estabelecimento, propriedade dos srs. Batista, Ferreira & Ferreira L.^{da}, os quaes capricharam em apresentar uma casa de instalação absolutamente distinta, que se notabilisa entre todas as outras.

vae andar em breve na bôca de todas as senhoras elegantes de Lisboa, pois ele nos diz indirectamente, mas d'uma forma muito frisante, o que será a delicadeza ideal e a elegancia *rafinée* do calçado feito n'este novo estabelecimento. Por isso, as nossas leitoras



D'esta firma fazem parte os srs. José Filinto Ferreira e Ricardo Antonio Ferreira empregados da Sapataria Universo que convidam os seus amigos a uma visita ao seu estabelecimento.

O nome delicado do estabelecimento diz mais do que tudo que poderemos escrever; n'ele consubstanciam os seus proprietarios tudo quanto no seu espirito presidiu á resolução da criação da sua casa.

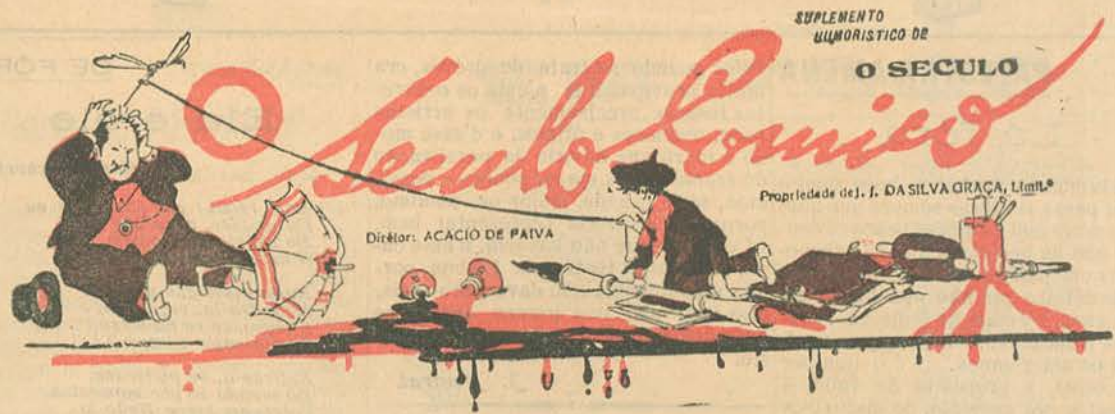
«*Violette*» é o nome da sapataria que

fixem este nome, pois em breve o ouvirão a todas as suas amigas.

Os srs. Batista, Ferreira & Ferreira L.^{da} convidam todas as nossas gentilissimas leitoras a uma visita á **Sapataria «Violette»** e nós recomendamos esse convite, certos de que lhes prestamos um serviço — e de que regalaremos os nossos olhos pecadores, contemplando a elegancia suprema do vosso calçado.

55 — Rua de Santa Justa — 57

185 — Rua dos Correiros — 191



Redação, Administração e Oficinas—Rua do Seculo, 45—Lisboa

A raposa cordeal e as uvas



—Não as quiz, porque estavam verdes!



PALESTRA AMENA

Lá fóra

Costumamos encher a boca com o que se passa «lá fóra» sempre que queremos dizer mal do que se passa cá dentro, e não ha perfeição que não encontremos em paizes estrangeiros, como não ha defeito que não apontemos em nossa casa. «Vejam os inglezes... vejam os francezes... vejam, principalmente os americanos...» é o que por aí se ouve, a proposito de tudo, a proposito, por exemplo, de disturbios e desordens sangrentas nas ruas.

E' o caso de achar a galinha da vizinha sempre mais gorda do que a nossa, porquante na Inglaterra, França, Estados-Unidos, etc. ha tantas cabeças exaltadas como em Portugal: que diriam os senhores dos portuguezes, se, por exemplo, aqui se dessem as cenas que ultimamente se teem dado em Chicago, entre pretos e brancos?

E ainda a respeito d'esse môdo de perfeição que são os Estados-Unidos — e são-no, na verdade — tenham a bondade de ler o seguinte telegrama: «New-York, 9. — Começou hontem a grêve dos actores, tendo os treze primeiros theatros que fechar, não obstante o publico ter já tomado logares para assistir á representação.»

Ora aí teem. Os actores, que não são artifices, mas artistas a valer, que teem responsabilidades intellectuais, que teem um importante papel educador, tambem lançaram a perturbação d'uma grêve na cidade do progresso, sem se importarem com o publico que, de mais a mais, já tinha comprado bilhetes.

Muito bem. E aqui? E' por acaso, possivel uma grêve analoga, uma grêve de actores? Não é — e no entanto sabe Deus que as consequencias de semelhante attitude de modo algum se poderiam comparar com as que teem resultado das outras grêves. Mais ainda: d'uma grêve de actores no actual momento, resultaria por ventura o bem geral, o socego para os pobres criticos teatraes, que fazem maravilhas de ginstica literaria para que não falte o ganha-pão a centos de familias que vivem do palco, repouso para os cerebros dos espectadores, desorientados pelos disparates que abundam na interpretação das peças, desvio de capitais que se empregam na montagem de estopadas cenicás dissolventes, para empresas de mais utilidade, etc.

Afinal de contas, d'esta vez é que parece que os pessimistas podem apontar como exemplo o que se passa «lá fóra»; uma grêve de actores, entre nós, não seria de modo algum uma calamidade, e embora se estranhasse o facto e se lamentasse nos primeiros dias, em breve o publico se habituaria.

— Então todos os nossos actores são maus? perguntará quem nos lê.

O' senhores! não; ha-os bons, ha-os até ótimos, mas como sempre ha ama-

relas quando se trata de grêves, era muito provavel que n'esta os amarellos fossem precisamente os artistas bons, melhores e ótimos, e d'esse modo o lucro que adviria da paralisação do trabalho dos maus, peores e pessimismos, seria grande, maior ou maximo, porque só se veria representar bem. E' verdade que não haveria, n'esse caso, senão um teatro em Lisboa, porque a companhia não dava para mais, mas isso não nos parece que fosse uma desvantagem, antes pelo contrario.

J. Neutral.

Homem feliz

Quem é actualmente o homem mais feliz de Portugal e Algarves? Estamos a vêr o sorriso do leitor e a ouvir a resposta pronta: — E' o sr. Antonio José d'Almeida.

Pois não é tal. E' o sr. Canto e Castro, S. ex.^a, que é um cantor mediocre e um dançarino de pouco mais ou menos — desculpe-nos a impertinencia — quando lhe deram a noticia de que tinha, finalmente, substituto, co-



meçou a dançar o fadango e a cantar a Rosa, enxota o pinto, que parecia um estudante em ferias!

Não que a sua carreira presidencial não fosse um tapete de rosas; não que não se tivesse visto rodeado de facilidades, de fraternidades; mas tantos carinhos eram, na verdade, de mais para um homem só e s. ex.^a não é egoista: acha que já era tempo de que outro fosse gosar tais delicias.

— Outro, que eu já estou! foram as suas palavras, ao comunicarem-lhe o resultado da eleição.

Torre de chifre
Soneto

*Em tarde amena e mui saudosa
Vi-te andar abandonada
No peito tinhas uma rosa
E no cabelo uma lapada.*

*Não era lá qualquer coisa,
Era a minha namorada,
Com a cara mui rosada
E andar de mui posada.*

*Desappareceu no horizonte
Deixando um longo rasto
Seccou como agna da fonte.*

*O' idolo encantador e casto!
Quem dera ter-ie sempre defronte
Como a luz ou outro qualquer astro!*

JOSÉ C. ALMEIRIM

DE FÓRA

Ela e ele

(A Maria Cachucha.)

*Mas, Jesus! que vos disse eu
Da mulher, para que vós
Me chamasseis assim tonto
N'uma forma tão atroz!!*

*Nada disse que pudesse
Melindra-la, veja bem,
E só, se cá na terra
Sé ela valôr contem?!*

*Retrae-a, se pudesdes,
Do mundo só por momentos,
Verets em breve finda-lo
A' mingua de sentimentos.*

*E' por ela que ao Calvario
Levamos a nossa cruz,
E' noss' alma, nossa vida,
Dos nossos olhos a luz.*

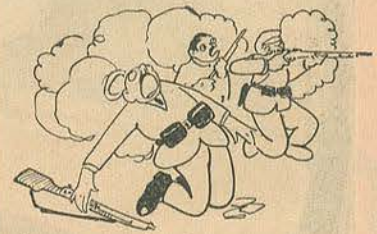
*Entretanto cada um
Julgar pôde o que quizer:
Será «Maria Cachucha»
Um homem... ou é mulher?!...*

IGMOTUS 2.º.

Lisboa sem agua

Todos os anos por este tempo se ouve a cantata de que Lisboa vai ficar sem agua, o que produz muito susto aos taberneiros e ainda á maioria dos habitantes, pois que todo o lisboeta que se preza toma banho duas ou tres vezes por mez. Dura o boato uns 15 dias, mas como, passados estes, se reconhece que ninguém morreu de sede, o susto desapareceu.

Aparentemente, o facto não vale nada: comtudo, para o observador atento ele anda ligado a outro de suma importancia, qual é á causa das revolu-



ções que se dão entre nós, em curtos periodos.

Ora raciocinemos: por que é que a agua não chega para todos os habitantes? Porque a população de Lisboa cresce, de ano para ano. Que será, então, necessario fazer para que a agua, antigamente destinada a umas 300:000 mil pessoas, chegue para 600:000? De duas uma: ou aumentar a provisao de agua, ou diminuir o numero de habitantes. A provisao de agua não é facil de aumentar — logo, a unica solução do problema consiste na diminuição da população, para o que as revoluções são meio efficacissimo.

Fiquemos, pois, em que o sr. Machado dos Santos é um benem erito.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida Zefa

Lanso mão da penna para te mandar estas duas regras desijando có fazer desta istejas de çau de mal touda a noça familia amer. Eu grassas a deus paço cem nuvidade i cá vou andando na minha pelingrinassão darranjar companhia pró inverno pró noço Paulitiamas, mas u diabo é çagora aparseu cá um nouvo impresario, u sr. Ogusto Pina, cujo este ufrece rios de dinheiro ós artistas de modos que assumbarca tudo pró trindade. Infim já tanho in vista alguns, cumo pur inzemplo a novel atriz Julieta Simões ca inda não deve cer de inzignencias. Fez uma noite desta a *Menina du chuculate*, mas já ce çabe, d'um chuculate fraquinho pur ora, con pouco cacau i tamem cum pouco açucre porque este istá munto caro. Aindas a proposito de novos tamem istou in vista deiscriturar u Vasco Santana que tem munta abelidade i que vim ultemamente fazer tã bem uma tachada na *Mulher ingrata* que inté parsia a cério. Cuja esta *Mulher ingrata* é injeitada, isto



é, não tem ótor ou ce u tem é tão inceguenficante que nem le deram a impurtansia di u pôr nu cartaz, adonde có figura u adapetador que é u sr. Ruldão filho i nan deicha de ter a çua xalassa não desfazendo in quem istá persente.

A *Mulher ingrata* ven a cer a sr.^a Satanela dus olhos olofoticos, touda decutadilha, u sr. Amarante cempre a arrepesintar munto bem, u dito Vasco in que já te fallei i dois artistas pegados un ao oitro que é u melhor da pessa i que vinheram abrir novos urisontes ó triato de cumedia: daqui in diente já çabemos que temos de grammar persunajes ós pares, ós trez, ós quatro, etc. para fazer rir a jente, pois istá pruvado que un çò não tem grassa ou tem menos que duas; infetivemente, por inzemplo, ce u Jaquin Costa tem piada çósinho açim cumo tamem u Xabi, fasase indeia du piadão que trão ambos i dois pegados um ao oitro! U pior é que natralmente tamem tanho de us iscriturar ós pares i açin dobra a despeza, mas u purgreço cando xega é pra toudos i Peras Ruivas não é ni nhuma terra de pouco mais ó menos.

I cun isto tarmino estas minhas esperções espersivas cum muntas çoidades du fresquinho de ain, purque aqui

EM FOCO

Antonio José d'Almeida



*Podia por ventura vosselencia
Oferecer-me cem milhões por dia
Para eu trocar a minha mediania
Pela alta posição da Presidencia,*

*Que tivesse santissima paciencia,
Eu nunca em tal asneira cairia;
Se para ai me desse a fantasia.
E' que tinha um ataque de demencia!*

*Por isso, porque estar n'aquela altura
E' como estar ao pé d'um precipicio,
Eu me dobro em profunda curvatura*

*Perante quem aceita tal officio:
Que sublime isenção de criatura!
Que amor ao seu paiz! que sacrificio!*

BELMIRO

tem istado córenta degraus á çombra não fallando nu çol que ten cido uma pouca bergonha de degraus. Adeus, Zefa dum anjo, arressebe um bejo códoso nu pesosso i dá çoidades minhas ó sr. perior, ó noço jimento, ós nossos bácross i ós noços filhos i a quem por mim preguntar, teu pra cempre internamente.

Jerolmo.

Empresario do Pauliteama de Peras Ruivas.

A nova California

Os senhores querem saber quanto uma hespanholita nem bonita nem feia, nem alta nem baixa, nem gorda nem magra, não cantando bem nem mal, vai ganhar por noite n'um casino de Lisboa?

— Dois ou tres escudos, dirão vossas senhorias. Pois enganam-se: vai

Correspondencia

Amavel Tónio. — Dispensamos as suas amabilidades. O senhor é tolo sem mistura.

Clara R. G. T. — Tem vossa excellencia uma extraordinaria vocação para a poesia. Para que se anime a continuar, ai vai uma das suas numerosas composições:

LOIRO

E's tão loiro como as espigas
Ao pôr do sol na campina;
E's tão loiro que me obrigas
A julgar que és uma menina.

São de oiro os teus cabelos
Que te caem pelas faces;
Quem me dera sempre tel-os,
Ainda que te admirasses.

Mais loiras não são as loiras
Filhas da patria ingleza,
Assim como são morenas as moiras
Por serem d'outra natureza.

Mas mesmo que fosses moreno
Eu havia de te amar,
Como á rocha do terreno,
Ama a espuma do mar.

Lindo! lindo!



ganhar 250 escudos cada noite, nem mais nem meenos.

E' claro que a dita cachopinha imagina que está n'um paiz de malucos, como aquele seu compatriota, natural da Galiza que dizia dos portugueses:

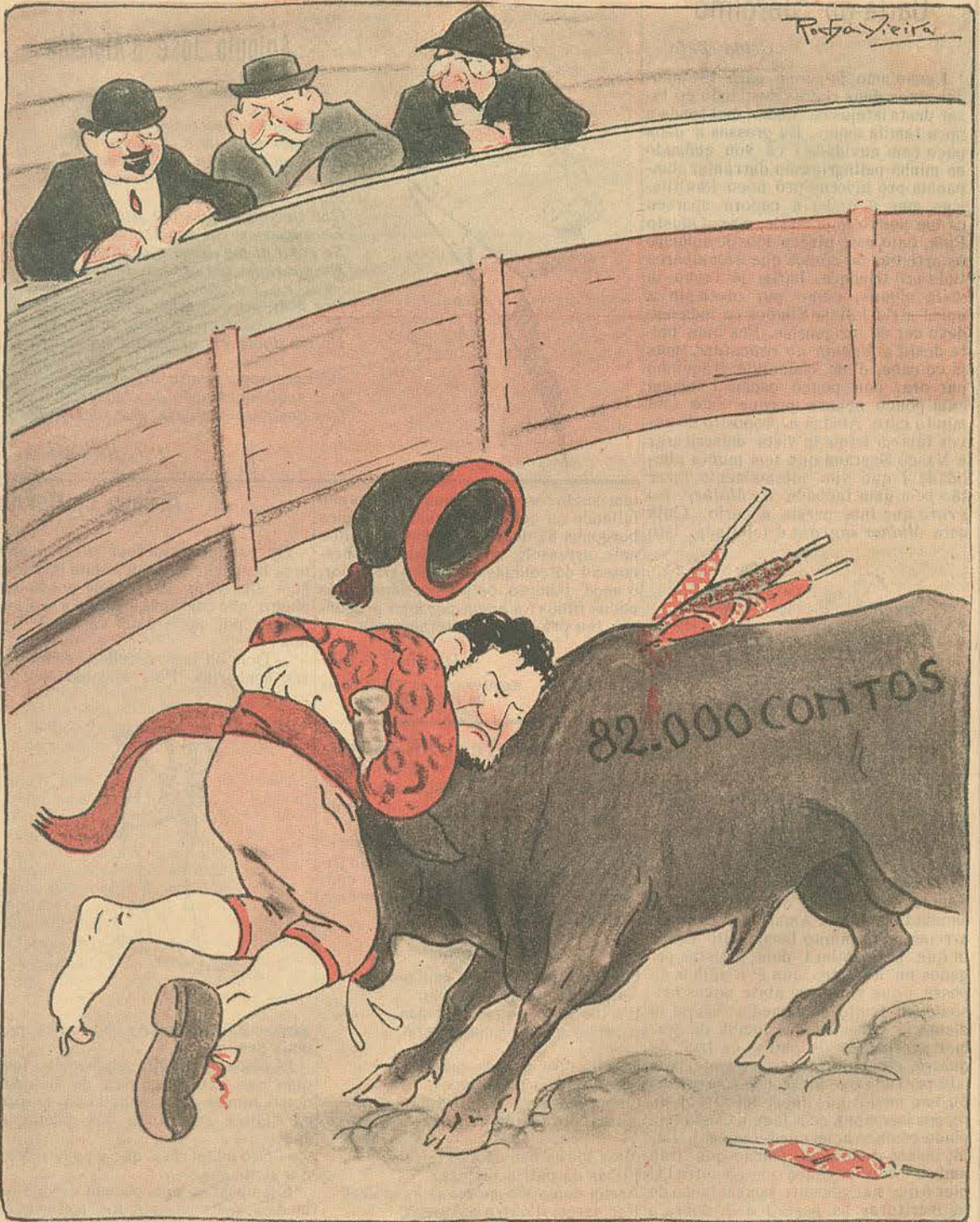
— São de taal raça, que a agua é deles e a gente *benade-la!*

E lembrar-s-se uma pessoa de que um medico, um advogado, um engenheiro, queimaram as pestanas durante anos e anos em varias escolas e gastaram rios de dinheiro nos respectivos cursos, para ganharem tres ou quatro escudos por dia — na mmelhor das hipoteses!

Ai! não nascemos nós em Hespanha e com as orelhas furadas!

DE PALANQUE

Rafael Zeira



—A' unha!